



Adriana Flávia Neu  
Lidiane J. de Souza Costa Marchesan  
(Organizadoras)



**CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE  
PROFISSIONAL DOCENTE**  
FORMAÇÃO, SABERES E EXPERIÊNCIAS



2020

Adriana Flávia Neu  
Lidiene J. de Souza Costa Marchesan  
(Organizadoras)

**CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE  
PROFISSIONAL DOCENTE**  
**FORMAÇÃO, SABERES E EXPERIÊNCIAS**



Pantanal Editora

2020

Copyright© Pantanal Editora  
Copyright do Texto© 2020 Os Autores  
Copyright da Edição© 2020 Pantanal Editora  
Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo  
Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera  
Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora  
Edição de Arte: A editora  
Revisão: Os autor(es), organizador(es) e a editora

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – OAB/PB
- Profa. Msc. Adriana Flávia Neu – Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
- Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – IF SUDESTE MG
- Profa. Msc. Aris Verdecia Peña – Facultad de Medicina (Cuba)
- Profa. Arisleidis Chapman Verdecia – ISCM (Cuba)
- Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo - UEA
- Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu – UNEMAT
- Prof. Dr. Carlos Nick – UFV
- Prof. Dr. Claudio Silveira Maia – AJES
- Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – UFGD
- Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva – UEMS
- Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos – IFPA
- Prof. Msc. David Chacon Alvarez – UNICENTRO
- Prof. Dr. Denis Silva Nogueira – IFMT
- Profa. Dra. Denise Silva Nogueira – UFMG
- Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão – URCA
- Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves – ISEPAM-FAETEC
- Prof. Dr. Fábio Steiner – UEMS
- Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez (Colômbia)
- Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles – UNAM (Peru)
- Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira – IFRR
- Prof. Msc. Javier Revilla Armesto – UCG (México)
- Prof. Msc. João Camilo Sevilla – Mun. Rio de Janeiro
- Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales – UNMSM (Peru)
- Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski – UFMT
- Prof. Msc. Lucas R. Oliveira – Mun. de Chap. do Sul
- Prof. Dr. Leandro Argente-Martínez – ITSON (México)
- Profa. Msc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan – Consultório em Santa Maria
- Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior – UEG
- Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla – UNAM (Peru)
- Profa. Msc. Mary Jose Almeida Pereira – SEDUC/PA
- Profa. Msc. Nila Luciana Vilhena Madureira – IFPA
- Profa. Msc. Queila Pahim da Silva – IFB
- Prof. Dr. Rafael Chapman Auty – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke – UFMS
- Prof. Dr. Raphael Reis da Silva – UFPI
- Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo – UEMA
- Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca – UFPI

- Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira – FURG
- Profa. Dra. Yilan Fung Boix – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT

#### Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Esp. Tayronne de Almeida Rodrigues
- Esp. Camila Alves Pereira
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

#### Ficha Catalográfica

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)</b> <b>(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
C756	<p>Construção da identidade profissional docente [recurso eletrônico] : formação, saberes e experiências / Organizadoras Adriana Flávia Neu, Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2020. 110p.</p> <p>Formato: PDF            Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader            Modo de acesso: World Wide Web            ISBN 978-65-991208-9-3            DOI <a href="https://doi.org/10.46420/9786599120893">https://doi.org/10.46420/9786599120893</a></p> <p>1. Aprendizagem. 2. Professores – Identidade profissional. 3. Educação – Pesquisa – Brasil. I. Neu, Adriana Flávia. II. Marchesan, Lidiene Jaqueline de Souza Costa</p> <p style="text-align: right;">CDD 370.71</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

O conteúdo dos livros e capítulos, seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do(s) autor (es). O download da obra é permitido e o compartilhamento desde que sejam citadas as referências dos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

#### **Pantanal Editora**

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.  
 Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.  
 Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).  
<https://www.editorapantanal.com.br>  
[contato@editorapantanal.com.br](mailto:contato@editorapantanal.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A docência como profissão é objeto de pesquisa, observação e reflexão nas diferentes esferas Educacionais. Seja, na Pesquisa, Ensino, Extensão ou Gestão, a profissão docente sempre despertou o desejo para investigação.

O exercício da profissão docente impõe desafios no processo ensino-aprendizagem, em metodologias adequadas e na utilização dos recursos que serão utilizados para a apresentação dos conteúdos ministrados. Nesse processo, ainda leva-se em conta a criatividade, as habilidades e competências desse profissional. A profissão do docente está em constante avaliação assim como sua prática, em contrapartida ele (a) também tem a criticidade de como está a Educação, os investimentos, as inovações e os retrocessos que podem ainda serem vistos em determinados contextos.

A amplitude e riqueza proporcionada à formação docente permite que sonhos sejam construídos e em uma Educação ressignificada. Dessa forma, entende-se que em um contexto permeado de peculiaridades, a partir de experiência e a subjetividade de cada profissional com vivências, realizações, frustrações e idealizações são constructos que viabilizam compartilhamentos com os diferentes enfoques trazidos a partir da escrita de cada um dos artigos que compuseram a materialização desse e-book: “Construção da identidade profissional docente: formação, saberes experiências”.

É com muita alegria que estamos apresentando o volume 1/2020 do e-book e nele, nossos leitores encontrarão temas que permitirão levá-los à reflexão.

O primeiro capítulo nos brinda com a leitura sobre: **A identidade profissional docente e seu papel político pedagógico na sociedade do conhecimento**, dos autores Marcia Isabel Gentil Diniz e Leandro Alcasar Rodrigues. Traz uma discussão sobre a formação e (de) formação docente, a importância da práxis no cotidiano. A leitura nos convida a refletir sobre a qualidade despendida na/para a educação, assim como a necessidade de reconhecer as dimensões do processo educativo para além das estratégias de ensino, conduzindo à pensar-se sobre o velho e o novo na ensinagem, uma vez que, a sociedade está em constante transformação.

O segundo capítulo - **Construção da identidade profissional docente: caminhos e percalços**, das autoras Camila Pereira Burchard; Amanda Machado Teixeira; Laura Mendes Rodrigues Fumagalli; Renata Godinho Soares, Veronica de Carvalho Vargas e Jaqueline Copetti, - apresenta uma síntese sobre a problemática da identidade profissional docente, sobre os caminhos e percalços ao longo da vida pessoal e profissional que contribuem para esta construção, configurando-se como um processo dinâmico e inacabado.

O terceiro capítulo - **Formação e atuação docente: reflexões sobre os saberes docentes mobilizados no século XXI**, das autoras Adriana Flávia Neu e Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan, - traz em sua proposta a reflexão sobre a profissionalização do ensino, e tem como objetivo identificar os principais elementos apontados por professores como integrantes dos saberes docentes mobilizados durante sua atuação na profissão.

O quarto capítulo - **A Ginástica para todos e sua ressignificação na Educação Física escolar: uma proposta aplicada como unidade didática**, dos autores Maloá de Fátima Francisco; Rubens Venditti Júnior; Yara Aparecida Couto e Osmar Moreira de Souza Júnior, - tem a intencionalidade de refletir sobre a ressignificação da “Ginástica para Todos” (GPT) no âmbito escolar, analisando o seu significado nas aulas Educação Física e delineando as suas possibilidades de desenvolvimento enquanto conteúdo curricular.

O quinto capítulo - **Formação docente: um estudo nas licenciaturas do Instituto Federal do Piauí – Campus Teresina Central**, das autoras Vanessa Cardoso Pereira; Marlúcia da Silva Bezerra Lacerda; Teresinha Vilani Vasconcelos de Lima e Yara Sylvya Albuquerque Silva, - versa para o objetivo de identificar e compreender os fatores determinantes, assim como as causas, que influenciam para o desestímulo resultante na evasão acadêmica.

O sexto capítulo - **Construção de um laboratório virtual de química através do Google Tour Creator como ferramenta de estímulo à aprendizagem ativa**, dos autores Tiago Saidelles; Nathalie Assunção Minuz; Cláudia Smaniotto Barin e Leila Maria Araujo Santos, - tem por objetivo descrever a criação de uma Laboratório Virtual de Química, desenvolvido em caráter experimental para a disciplina QMC 1032 e discute a importância dessa criação como possibilidade de ferramenta potencializadora.

O sétimo capítulo - **Monitoria no ensino da Geografia: relato de experiência existencialista no curso de Pedagogia**, dos autores Everton Nery Carneiro e Maria Regiane Vieira de Jesus, - se propõe a descrever as contribuições da monitoria no ensino da geografia a partir da perspectiva existencialista no curso de Pedagogia, a fim de compartilhar o conhecimento e fomentar discussões a respeito dessa temática.

Fechando esse número do e-book, o oitavo capítulo - **As tecnologias como ferramentas na prática pedagógica do professor universitário**, da autora Mirian Zuqueto Farias, - trata da importância dos diversos recursos tecnológicos no ensino, para a formação do professor sob a ótica do seu papel na renovação da prática pedagógica e da transformação do aluno como sujeito ativo na construção do conhecimento.

Esperamos que nossos leitores tenham uma leitura prazerosa. Reiteramos o convite para que sejam submetidos textos à Editora Pantanal, para o volume II deste título: “Construção da identidade profissional docente: formação, saberes experiências”.

Adriana Flávia Neu  
Lidiane J. de Souza Costa Marchesan


## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	5
<b>Capítulo I</b> .....	7
A identidade profissional docente e seu papel político pedagógico na sociedade do conhecimento .....	7
<b>Capítulo II</b> .....	17
Construção da identidade profissional docente: caminhos e percalços .....	17
<b>Capítulo III</b> .....	29
Formação e atuação docente: reflexões sobre os saberes docentes mobilizados no século XXI ..	29
<b>Capítulo IV</b> .....	43
A Ginástica Para Todos e sua ressignificação na educação física escolar: uma proposta aplicada como unidade didática.....	43
<b>Capítulo V</b> .....	56
Formação docente: um estudo nas licenciaturas do Instituto Federal do Piauí – Campus Teresina Central .....	56
<b>Capítulo VI</b> .....	70
Construção de um laboratório virtual de química através do Google Tour Creator como ferramenta de estímulo à aprendizagem ativa.....	70
<b>Capítulo VII</b> .....	82
Monitoria no ensino da geografia: relato de experiência existencialista no curso de pedagogia ....	82
<b>Capítulo VIII</b> .....	97
As tecnologias como ferramentas na prática pedagógica do professor universitário .....	97
<b>Índice Remissivo</b> .....	112

# Monitoria no ensino da geografia: relato de experiência existencialista no curso de pedagogia

Recebido em: 15/07/2020

Aceito em: 17/07/2020

 10.46420/9786599120893cap7

Everton Nery Carneiro<sup>1\*</sup> 

Maria Regiane Vieira de Jesus<sup>2</sup> 

## INTRODUÇÃO

A Pedagogia é ciência que tem como objeto de estudo a Educação, essa entendida como fenômeno social, que de acordo com Libâneo (2010) não se restringe ao âmbito escolar (educação formal), acontece também em instituição informal (âmbito familiar e social) e não-formal (ONGs, instituições religiosas e/ou movimentos sociais), trazendo ao profissional Pedagogo a necessidade de estar habilitando-se para desenvolver práticas educativas em diversas áreas, visando a emancipação humana.

O caráter pedagógico da prática educativa se verifica como ação consciente, intencional e planejada no processo de formação humana, através de objetivos e meios estabelecidos por critérios socialmente determinados e que indicam o tipo de homem a formar, para qual sociedade, com que propósitos (Libâneo, 2006).

Ao tratar a educação como uma ação socialmente determinada, que precisa ter como intenção a construção do ser humano, Libâneo (2006) faz a seguinte afirmação:

[...] desde o início da sua existência, os homens vivem em grupos; sua vida está na dependência da vida de outros membros do grupo social, ou seja, a história humana, a história da sua vida e a história da sociedade se constituem e se desenvolvem na dinâmica das relações sociais.

---

<sup>1</sup> Docente da Universidade do Estado da Bahia. Pós-doutor em Educação (UFC); Doutor e Mestre em Teologia (EST); Especialização: Educação, Desenvolvimento e Políticas Públicas (FACIBA); Filosofia Contemporânea (Faculdade São Bento); Ética, Educação e Teologia (EST); Graduação: Geografia (UEFS); Filosofia (FBB); Teologia (STBNe). Membro do GEPERCS (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Religião, Cultura e Saúde); Professor Permanente do Mestrado profissional em Intervenção Educativa e Social. Coordenador da Linha de Pesquisa 02 – Novas Formas de Subjetivação e Organização Comunitária. Autor dos livros: Mitologia Grega e Bíblica - Narrativas de transgressão; Filosofia, Teologia e Poesia; Ética e Hermenêutica.

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia (Universidade do Estado da Bahia).

\* Autor de correspondência: [ecarneiro@uneb.br](mailto:ecarneiro@uneb.br)



Essa tripla perspectiva da história (humana, da vida e da sociedade) nos remete à dinâmica das relações sociais e, a escola é uma dessas instituições sociais, lugar onde o profissional docente é um dos principais sujeitos capazes de contribuir com a formação integral dos educandos.

Tratamos, pois, neste trabalho, da formação do Pedagogo para atuar no âmbito escolar, mais precisamente, na formação teórico-prática desses profissionais para o exercício da docência na educação infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia instituído por meio da Resolução CNE/CP nº 1/2006. Dito isto, a discussão emerge em torno da formação desses profissionais para, dentre outras aptidões, mediar didaticamente o conhecimento e proporcionar a aprendizagem relacionada à conteúdo específico da Geografia, trabalhando-a de forma interdisciplinar, adequando as práticas pedagógicas, “às diferentes fases do desenvolvimento humano” (Brasil, 2006). Dessa forma, entende-se que a prática docente exige ação consciente e deve priorizar o estudante em todos os aspectos, fomentando a construção de sujeitos emancipados e críticos dos problemas sociais.

Nessa perspectiva, a Diretriz mencionada determina que as instituições de ensino superior acrescente na estrutura do curso de formação do(a) pedagogo(a) um núcleo de “estudos básicos”, que compreende dentre outros princípios, “o Estudo da Didática, de Teorias e Metodologias Pedagógicas, de Processos de Organização do Trabalho Docente” (Brasil, 2006) e “um Núcleo de Estudos Integradores”, (Brasil, 2006) do qual a monitoria é uma das atividades capaz de mediar o processo ensino-aprendizagem durante essa formação, podendo proporcionar novas experiências ao aluno monitor, permitindo uma relação entre os saberes da formação teórica e os saberes práticos da sala de aula, familiarizando-os com o exercício da docência e da organização e Gestão Pedagógica.

Assim, o componente curricular Fundamentos Teórico-metodológicos do Ensino (F.T.M.E) da Geografia, compõe a matriz curricular do curso de formação dos (as) pedagogos (as) da Universidade Estadual da Bahia (UNEB), Campus XV/Valença/BA, dispondo de conteúdos e métodos próprios dos saberes geográficos, capacitando os profissionais para lecionar a geografia nos anos iniciais de escolarização.

O componente foi ministrado propondo a reflexão de uma “geografia existencialista” baseado na corrente filosófica existencialista, representada principalmente por Jean-Paul Sartre. Tal corrente destaca o homem como centro do mundo, livre e responsável por suas escolhas, capaz de construir a sua essência ao longo da sua vivência, na relação com seu espaço vivido. O próprio Sartre (1970) afirma em sua obra “*O Existencialismo é um humanismo*” que “a existência precede a essência”:

[...] significa que em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. [...]. Assim, não existe natureza humana, já que não existe um Deus para concebê-lo. O homem é tão somente, não apenas como ele se concebe, mas também como ele se quer; como ele se concebe após a existência,

como ele se quer após esse impulso para a existência. O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo; é o primeiro princípio do existencialismo (Sartre, 1970).

Considerando a ênfase do existencialismo à existência humana e a intencionalidade das ações pedagógicas em prol dessa construção humana, o componente objetivou despertar nos professores em formação uma reflexão acerca do objeto de estudo da geografia, o espaço geográfico, numa perspectiva existencialista. Delineando propostas pedagógicas através de pressupostos teórico-metodológicos, temas, conteúdos e situações didáticas, de maneira que fosse possível compreender concepções e conceitos da geografia a partir da experiência da própria existência, auxiliando estes futuros profissionais a organizarem práticas pedagógicas contextualizadas, mais atrativas e desafiadoras para seus alunos, considerando-os sujeitos centro dessa ação, contribuindo assim, com uma formação consciente e capaz de fazê-los reconhecer-se existencialmente no mundo, percebendo sua relação consigo, com o outro e com o lugar, rompendo com a crença limitante de destinos pré-determinados.

Tendo em vista o exercício da monitoria no componente curricular F.T.M.E da geografia e entendendo que a mesma possibilita uma atitude praxiológica em que teoria e prática, assim como existência e espaço geográfico não estão dissociadas, o estudo busca responder a seguinte pergunta: quais as contribuições da monitoria no ensino da geografia a partir da perspectiva existencialista?

Essa investigação tem como abordagem metodológica a pesquisa qualitativa e compreende o nível de pesquisa descritiva apresentada através do relato de experiência. Segundo Minayo et al. (2002), “a pesquisa qualitativa responde questões, muitos particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, como um nível de realidade que não pode ser quantificado”. Sobre a pesquisa descritiva Gil (2008) afirma que “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno (...)”.

Tendo esta dupla autoral como ponto de partida, entende-se o relato de experiência como um texto descritivo cuja pretensão é descrever as contribuições da monitoria no ensino da geografia a partir da perspectiva existencialista no curso de Pedagogia, a fim de compartilhar o conhecimento e fomentar discussões a respeito dessa temática.

Como objetivos específicos a pesquisa intenciona discutir os conceitos de monitoria, geografia e existencialismo; estabelecer relações entre geografia e existencialismo; relatar a experiência da monitoria em geografia no Curso de Pedagogia; abordar a importância da monitoria em geografia numa perspectiva existencialista.

Como técnica de coleta de dados foi utilizada a observação participante que, para Gil (2008), “o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo”. Neste sentido, foi estabelecido relação direta com um grupo de 34 discentes.

## **A MONITORIA NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE**

A monitoria de modo geral é uma função institucional que além de caracterizar-se como uma atividade extracurricular para integralização curricular, possui um amplo caráter formativo indispensável à formação do profissional docente, ao dispor de fundamentos didático-pedagógicas relacionadas ao ensino, pesquisa e extensão, podendo ser desenvolvida tanto remunerado quanto voluntariamente pelo (a) discente que está regularmente matriculado (a), após aprovação no processo seletivo específico.

Lins et al. (2009) ao pesquisar sobre “a importância da monitoria na formação acadêmica do monitor” apresenta-a da seguinte maneira:

A monitoria é uma modalidade de ensino e aprendizagem que contribui para a formação integrada do aluno nas atividades de ensino, pesquisa e extensão dos cursos de graduação. Ela é entendida como instrumento para a melhoria do ensino de graduação, através do estabelecimento de novas práticas e experiências pedagógicas que visem fortalecer a articulação entre teoria e prática e a integração curricular em seus diferentes aspectos, e tem a finalidade de promover a cooperação mútua entre discente e docente e a vivência com o professor e como as suas atividades técnico-didáticas.

A monitoria na Universidade do Estado da Bahia, segundo o Regimento Geral, pode ser instituída para que discentes que tiveram “aproveitamento na disciplina ou componente curricular objeto de monitoria e/ou tenham comprovada experiência relacionada com a área” possam desenvolver “atividades auxiliares de Ensino, Pesquisa e Extensão” (Brasil, 2012).

Nessa direção, a Resolução n.º 700/2009 que regulamenta especificamente o programa de monitoria de ensino da UNEB apresenta no Artigo 1º a seguinte definição:

A monitoria é uma das funções acadêmicas que, no seu papel de atividade complementar nos cursos de graduação, conforme a definem as Diretrizes Curriculares Nacionais do Conselho Nacional de Educação (CNE), além de promover maior interação entre o corpo docente e o discente, deve proporcionar oportunidades para a integração da teoria com a prática na formação do futuro profissional (Brasil, 2009).

Assim, a monitoria é uma das experiências no âmbito acadêmico que possibilita a compreensão da importância de articular teoria e prática, que possuem um caráter inseparável, desde o processo de formação inicial docente.

## **A GEOGRAFIA E O EXISTENCIALISMO**

A Geografia, como campo do saber científico, tem uma história marcada pelo distanciamento e pela quase ausência do diálogo com a Filosofia, apesar da necessidade e merecida influência. Esse distanciamento, provavelmente tem a ver com o entendimento da Geografia ter sido disciplina escolar antes mesmo de se constituir em campo de investigação científica.

Pela perspectiva da geografia, pode-se firmar, que o conhecimento se refere à produção intelectual em suas diferentes investigações e na busca de realizar uma leitura da realidade objetiva. Já o

pensamento, é decorrente do trabalho epistemológico de discussão e reflexão daquilo que é acumulado pelas leituras da realidade, resultando em novos conhecimentos em níveis mais abstratos e mais profundo sobre aquilo que é produzido pelos (as) geógrafos (as).

Japiassu e Marcondes (1996) em seu Dicionário Básico de Filosofia afirma que a palavra método deriva do grego *methodos*, de “*meta*” (por, através de) e “*hodos*” (caminho) sendo então: “conjunto de procedimentos racionais, baseado em regras que visam atingir um objetivo determinado. Por exemplo, na ciência, o estabelecimento e a demonstração de uma verdade científica”.

É René Descartes (1994) quem cria um “subjetivismo idealista e racional” rejeitando as certezas dogmáticas, prontas e partindo da dúvida, como forma de conhecer o mundo. Para Descartes, o método é um meio de apreender a realidade através de conceitos claros e distintos, denominando de dúvida metódica.

Entende-se que o positivismo cartesiano, o empirismo inglês, o idealismo alemão, a dialética hegeliana, o materialismo histórico marxista e o campo fenomenológico-hermenêutico serviram de base teórica e doutrinária para o desenvolvimento não só do conhecimento científico e filosófico, mas de métodos diferentes e de posturas e interpretação da realidade baseada em fundamentos diferenciados. Todas essas perspectivas teóricas reverberaram e ainda reverberam por sobre a geografia.

Aqui, tratar-se-á sobre o existencialismo, tendo como abordagem inicial o Método fenomenológico-hermenêutico. Para essa abordagem se faz necessário tratar sobre o que é fenômeno. Este é tudo aquilo que se mostra a partir de si mesmo, ou seja, o fenômeno é tudo aquilo que se revela. Já fenomenologia é o estudo do fenômeno, isto é, o estudo de tudo aquilo que se revela a partir de si mesmo. Nas palavras de Husserl (1992) uma “voltar às coisas mesmas”. Pode-se dizer que a fenomenologia busca perceber o que é humano em sua essência, em que “tem a ver com princípios, com as origens do significado da experiência” (Relph, 1979).

Enquanto o fenômeno natural é primordialmente objetivo e tratado pelas ciências bio-físico-matemáticas, o fenômeno humano para ser melhor estudado e entendido precisa ser compreendido na perspectiva da linguagem, da experiência do vivido, do experienciado. Aqui reverbera o mundo da vida na sua cotidianidade, nessa que se refere às experiências vividas. É importante entender que “não se pode separar a ciência do cientista, o sujeito do objeto...” (Oliveira, 1996).

Dito isso, considera-se que é na realidade que captamos a essências das coisas via os fenômenos, e, “é o humano em sua essência que a fenomenologia busca perceber.” (Dartigues, 1992).

Na área da geografia, a fenomenologia influencia na maneira de se analisar o espaço geográfico, colocando-se em conta as experiências vividas, sobressaindo os significados e valores que o ser humano confere a si mesmo e ao espaço vivido, espaço construído socialmente, tendo como princípio a percepção e vida dos diferentes sujeitos. Esta corrente rompe com a dualidade entre sujeito e objeto.

Nesse entendimento, a geografia, tendo por base a fenomenologia, busca salientar as acepções e a importância que os sujeitos dão ao espaço.

Nessa dita compreensão da importância, embrenha-se pelo conceito de lugar e de existência. Este último tem em conta toda delimitação ou definição do ser, ou seja, um modo de ser que de alguma maneira se encontra demarcada e definida. De existência, saltamos para a corrente filosófica “existencialismo”, onde existência é o que primeiro se escuta. Essa audição, carrega um sentido, o de ocupar tempo e lugar (este que precisa ser ainda aqui abordado). O existencialismo é uma corrente filosófica que aborda, de uma forma geral a existência humana em toda a sua complexidade. A geografia constrói aqui uma de suas moradas, um dos seus lugares, pois como nos diz Sartre (1956): “não me é possível não ter um lugar.” (Sartre, 1956).

Compreendendo que o “existir é ter um lugar.” (Entrikin, 1980) tomamos consciência de que a casa e a rua são esses lugares imediatos/diretos – Roberto DaMatta (1986) – trabalha essa relação primordialmente em sua obra “O que faz o Brasil, Brasil?”. Já a região, o país e até mesmo a Terra, içam uma condição simbólica no que se refere ao lugar. Dito de outro jeito a Terra é a nossa casa. Do imediato/direto ao simbólico, tudo é lugar. A compreensão engajada aqui passa por percebermos que o lugar da experiência humana pode ser temporário ou perene. O efêmero do lugar advém do intenso processo de transformação. Já a perenidade é que ocorre ao lugar continuar sendo ele, apesar das transformações. Não há separação entre uma e outra dimensão, pois a incorporação, a manutenção e a reelaboração do lugar são, em determinada dimensão a vida de cada um dos sujeitos envolvidos na construção do lugar, sendo este um lugar de pertencimento, incluindo aí os aspectos físicos, emocionais e também relativos à memória, inclusive social.

Fazer esse percurso é caminhar no sentido da consciência e esta é intencional, isto é, toda consciência é consciência de alguma coisa. Nessa medida, a consciência não é uma substância, mas está na dimensão do movimento, sendo uma “consciência de”. Ao agir/pensar nesse trilhar, experimentamos com Sartre (1970) que a liberdade expõe a existência na sua contingência, no seu caráter de estar a mais, isto é, só a existência é livre. Assim, a liberdade transcende a história em seu cerne. Dito de outra forma, a liberdade é a nossa casa, é o nosso lugar, sendo antes oposição que aparência, ele é manifestação plena de sentido, onde intencionalidade da consciência é peça-chave e a percepção advinda das experiências vividas é, assim, considerada etapa metodológica importante e fundamental.

O existencialismo, buscando romper com oposição entre sujeito e objeto, com a visão antropocêntrica do mundo, recuperando o humanismo, procurando estabelecer o espaço vivido como revelador das práticas sociais, sendo o lugar o centro da análise, aborda o lugar não como simplesmente

algo objetivamente dado, mas como construído pelos diversos sujeitos no decorrer das suas variadas experiências vividas.

Ao trabalhar lugar nessa perspectiva de compreensão, partimos para perceber o objeto e o objetivo da geografia.

O espaço é o objeto da geografia. O conhecimento da natureza e das leis do movimento da formação econômico-social por intermédio do espaço é o seu objetivo. O espaço geográfico é o espaço interdisciplinar da geografia. É a categoria por intermédio da qual se pode dialogar com os demais cientistas que buscam compreender o movimento do todo da formação econômico-social, cada qual a partir de sua referência analítica.

A noção de espaço como chão da geografia é, certamente, um tema que perpassa todos os discursos geográficos em todos os tempos, tal como se pode aferir numa simples confrontação da maneira como os geógrafos a vêm definindo no tempo (Moreira, 2008).

Tendo “o espaço como objeto da geografia” e o objetivo da mesma sendo “O conhecimento da natureza e das leis do movimento da formação econômico-social por intermédio do espaço” tudo isso segundo Moreira (2008), remetemo-nos à Cavalcanti, que embora não inclua o conceito de espaço, ela considera que a “função mais importante da geografia (...) é formar uma consciência espacial, um raciocínio geográfico” (Cavalcanti, 1998). Eis a consciência em todo o seu vigor, sendo “consciência de”, ao qual afirmamos que:

[...] a fenomenologia consiste num método e numa forma de pensar, nos quais a ‘intencionalidade da consciência’ é considerada chave porque a consideração da percepção advinda das experiências vividas é assim, considerada etapa metodológica importante e fundamental, procurando romper a oposição entre sujeito e objeto, tanto quanto entre ator e observador (Lencioni, 1999 *apud* Sposito, 2004).

Para Castrogiovanni (2012) o espaço geográfico é entendido como “um produto histórico, como um conjunto de objetos e de ações que revela as práticas sociais dos diferentes grupos que vivem num determinado lugar, interagem, sonham, produzem, lutam e o (re)constróem.” Em toda essa construção percebemos junto a Sartre (1970) que “o homem será apenas o que ele projetou ser. Não o que ele quis ser, pois entende-se vulgarmente o querer como uma decisão consciente que, para quase todos nós, é posterior àquilo que fizemos de nós mesmos”. Somos os construtores das nossas vidas, dos nossos lugares e nessa empreitada, que é fruto de um projeto “[...] não há um único dos nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente a imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser” (Sartre, 1970). O que temos aqui é a presença da essência e aparência em uma só dimensão, esta do lugar, onde o efêmero e o perene se encontram. Este encontro acontece na eternidade, sendo esta não uma temporalidade, mas uma espacialidade, em que objetividade e subjetividade se presentificam num vigor-de-ter-sido, numa atualidade e porvir (Heidegger, 2005), ou seja, o tempo se revela no ser e neste se faz presença, mesmo em ausência, estando sempre em um agora e ainda não, e mais:

(...) o primeiro passo do existencialismo é o de pôr todo homem na posse do que ele é de submetê-lo à responsabilidade total de sua existência. Assim, quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é apenas responsável pela sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens (Sartre, 1970).

Seja o primeiro passo, seja cada passo seguinte, o que impulsiona e o que precisa ser e parecer ser nesse ser humano, é a responsabilidade sobre a sua existência, sobre a existência do outro e a existência do lugar. Faz-se importante salientar que a geografia não está dissociada da filosofia, pois todo olhar sobre o mundo é uma visada, está carregado de intencionalidade, sendo o existencialismo uma corrente, uma dada perspectiva que trafega pela sensibilidade, pela emoção, pela cognição, pela razão, pela própria angústia do ser, tal como fez Kierkegaard (sec. XIX) – um dos precursores do existencialismo – tendo exaltado a relação entre a angústia e metafísica, sendo a primeira reveladora da segunda. Nesse intenção de compreender:

(...) o que o existencialista afirma é que o covarde se faz covarde, que o herói se faz herói; que existe sempre, para o covarde, uma possibilidade de não mais ser covarde, e, para o herói, de deixar de o ser. O que conta é o engajamento total, e não com um caso particular, uma ação particular, que alguém se engaja totalmente (Sartre, 1970).

Esta se trata sobre o processo de uma existência engajada organicamente, tanto numa dimensão dos diversos sujeitos, como também destes com os lugares e dos lugares entre si, pois estes são tempo em espaço, ou seja, enquanto o tempo temporaliza, o lugar lugariza e entre tempo e espaço ocorre o lugar, esse que é movimento, em que o sentido do lugar insinua vida e esta em abundância, que por sua vez implica o sentido do tempo. Outrossim, não há como conhecer as coisas que elas são por si mesmas, mas tão somente nos é possível perceber as permanências e as mudanças, o efêmero e o perene: o lugar! Eis o existencialismo em sua vigência.

## **A GEOGRAFIA NA FORMAÇÃO DO (A) PEDAGOGO (A): PENSANDO A DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DE ESCOLARIZAÇÃO**

Como componente escolar no ensino fundamental, a geografia é amparada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais que a aponta como responsável por estudar “as relações entre o processo histórico na formação das sociedades humanas e o funcionamento da natureza por meio da leitura do lugar, do território, a partir de sua paisagem” Brasil (1998). E ainda mais:

Desde as primeiras etapas da escolaridade, o ensino da Geografia pode e deve ter como objetivo mostrar ao aluno que cidadania é também o sentimento de pertencer a uma realidade em que as relações entre a sociedade e a natureza formam um todo integrado (constantemente em transformação) do qual ele faz parte e que, portanto, precisa conhecer e do qual se sinta membro participante, afetivamente ligado, responsável e comprometido historicamente com os valores humanísticos (Brasil, 1998).

Sendo os professores/pedagogos responsáveis pela iniciação ao estudo da geografia nesse nível de ensino, estes necessitam de uma formação consistente para mediar a aprendizagem de conteúdos relacionados a essa área do conhecimento, com bases teórico-metodológicas para desenvolver nesses educandos a compreensão espaço-temporal, conduzindo-os em direção à “alfabetização espacial” (Castrogiovanni, 2012) partindo dos seus saberes prévios em prol da leitura e representação do espaço vivido.

O espaço apresenta-se para a criança, do nascer aos dois anos, mais ou menos, como sendo o espaço da ação. É o espaço vivido, construído pelos deslocamentos através do rastejar, engatinhar, andar, procurar, etc., e pelos sentidos, que estruturam as relações de próximo, dentro, fora, acima, abaixo, ao lado de, contém, está contido, etc. O espaço vivido é prático, organizado e equilibrado em nível de ação e do comportamento social (Castrogiovanni, 2012).

Callai (2005) ao discutir a possibilidade e a importância de se aprender geografia nas séries iniciais do ensino fundamental tece uma crítica de como os conceitos e temas geográficos tem sido mediados na sala de aula, com abordagens descritiva dos conteúdos, pautado na repetição e memorização do que está posto no livro didático, tornando os alunos indiferentes ao ensino deste componente, pois, por se tratar de um ensino desconexo da existência, não conseguem relacionar os conteúdos estudados com o cotidiano.

É certo que, da forma como a geografia tem sido tratada na escola tradicionalmente, ela não tem muito a contribuir. Aquela geografia chamada tradicional, caracterizada pela enumeração de dados geográficos e que trabalha espaços fragmentados, em geral opera com questões desconexas, isolando-as no interior de si mesmas, em vez de considerá-las no contexto de um espaço geográfico complexo, que é o mundo da vida (Callai, 2005).

Nesse contexto, entende-se que o componente deve ser ministrado trazendo a experiência cotidiana do discente para a sala de aula, fazendo-os entender como sociedade e natureza se relacionam e respaldam a construção dos conceitos de lugar, paisagem, território e região.

O ensino da geografia deve preocupar-se com o espaço nas suas multidimensões. O espaço é tudo e todos: compreende todas as estruturas e formas de organização e interações. E, portanto, a compreensão da formação dos grupos sociais, a diversidade social e cultural, assim como a apropriação da natureza por parte dos homens, deve fazer parte também dessa alfabetização (Castrogiovanni, 2012).

## **RELATO DE EXPERIÊNCIA DA MONITORIA EM GEOGRAFIA NO CURSO DE PEDAGOGIA**

A referida atividade aconteceu durante o período de vinte e quatro de outubro de dois mil e dezenove (24/10/2019) a vinte e três de março de dois mil e vinte (23/03/2020) após a aprovação no processo seletivo específico, para exercer a função de monitoria remunerada no Componente Curricular F.T.M.E. da Geografia, no Curso de Pedagogia da UNEB, relativo ao segundo semestre letivo (2019.2), lecionada pelo Professor Doutor Everton Nery Carneiro.



Ao declarar disponibilidade para o cumprimento da carga horária das atividades propostas, foi assinado um Termo de Compromisso, no qual consta as atribuições do monitor e do professor-orientador. Para essa atribuição, a monitora passou a contar com a orientação/supervisão do Professor Everton Nery para prestar-lhe assistência na construção do planejamento para o referido semestre, mediar a interação do mesmo com os discentes, e auxiliá-los durante todo processo ensino-aprendizagem, contribuindo para conduzir da melhor forma o componente curricular, aproveitando o momento para reforçar os conhecimentos construídos no decorrer do curso e desenvolver o potencial profissional docente na monitoria.

O referido componente faz parte da matriz curricular do curso de Pedagogia, possuindo uma carga horária de sessenta horas (60 horas), ministrada para uma turma formada por um total de trinta e quatro discentes (34 discentes e a maioria do 7º semestre, apesar da inclusão de alunos dessemestralizados que por algum motivo, não puderam cursar o componente curricular no período anterior ou não foram aprovados por motivos desconhecidos. O componente buscou articular conteúdo e formas de ensino e produção do conhecimento para lecionar nos anos iniciais do ensino fundamental, com a intencionalidade de propiciar aos profissionais em formação a consciência crítica para transpor o ensino meramente mecânico e descritivo e possibilitar aos seus alunos uma aprendizagem significativa.

Ao iniciar as aulas, o professor organizou junto com a turma o plano de ensino para o semestre, delineando os conceitos essenciais e indispensáveis à formação do professor de Geografia, a serem trabalhados nos anos iniciais de escolarização, tais como: espaço geográfico, natureza, sociedade, tempo histórico, território, região, lugar, paisagem e ambiente, apresentando os caminhos na construção do processo ensino/aprendizagem: aulas expositivas-dialogadas, leitura, análise e debate sobre teorias, textos e vídeos, estudos dirigidos (grupal e individual), seminários temáticos e dinâmicas de grupo.

A partir desse momento foi possível desenvolver algumas atribuições pedagógicas e estratégicas de planejamento e comunicação designadas ao monitor: digitalizar e enviar os materiais no grupo pelo aplicativo *whatsApp* para que os alunos da turma tivessem acesso; encaminhar quando solicitado os mesmos materiais para o e-mail de alguns discentes que apresentavam dificuldades em acessá-los via *whatsApp* ou que estava em atividade domiciliar; aos alunos ausentes foram feitas orientações informando-os quanto às atividades propostas pelo professor em sala durante a aula; buscar estratégias para auxiliar os discentes com o assunto apresentado e indicação de materiais e documentos para orientar o desenvolvimento dos trabalhos; sanar dúvidas e alertar quanto às datas para apresentação e entrega das atividades; ler e discutir textos com o professor; apresentar-se com consciência crítica, entendendo a mesma como consciência de, ou seja, não sendo substância, mas intencionalidade.

Para a realização da primeira atividade, a turma foi dividida em nove grupos e a cada um deles foram propostos os temas apresentados na Tabela 1 – Categorias e Temas, para que a partir destes fossem produzidas e apresentadas atividades teórico-práticas em sala de aula, por meio de diferentes recursos didático-tecnológicos, numa perspectiva lúdica e interdisciplinar, capazes de despertar atenção, sensações e emoções, além do senso crítico dos estudantes.

**Tabela 1.** Categorias e Temas.

<b>Categorias</b>	<b>Temas</b>
Linguagens alternativas na análise geográfica	Um livro marcante em um minuto; Colagem com música;
Linguagem gráfica e cartográfica	Viajando no Mapa Múndi; Desenhar paisagens, naturezas e memórias;
Temas socialmente relevantes	Quem sou eu? quem somos nós? cartografias pessoais; População ou populações? Diferenças são problemas ou riquezas?
Temáticas físico-naturais	Influência do Tempo Atmosférico na nossa vida cotidiana;
Questões econômicas	Setores Tecnológicos e Setores Tradicionais da economia e a influência das indústrias na sua vida; As distintas geografias do consumo

Fonte: os autores.

Diante disso, os grupos apresentaram as práticas pedagógicas envolvendo toda a turma, utilizando-se de diversos recursos capazes de promover diálogos e interesse de conhecimento a respeito da história local; das transformações do espaço geográfico causadas pelas ações dos fenômenos da natureza e das atividades dos indivíduos e suas consequências em diferentes espaços e tempos; da formação das diferentes populações; da diversidade cultural. Dentre os recursos são destacados: o uso de fotografias, colagens, desenhos, literatura, confecção de mapas e produções musicais.

A segunda atividade sugerida foi a discussão teórica apresentada com base no livro *“Geografia e didática”* da coleção como bem ensinar. O livro apresenta capítulos que tratam do conceito de geografia, a importância de ensinar e aprender, as múltiplas ferramentas para o ensino da geografia, a geografia

numa perspectiva interdisciplinar, dentre outros. No que se refere a este material, os discentes tiveram que escolher um capítulo para discutir com a turma após a leitura. As discussões dos capítulos contribuíram para se pensar a formação do (a) professor (a) de forma continuada, no sentido de desenvolver aulas de geografia de modo a despertar no discente, que é sujeito no processo, uma construção de consciência crítica em relação à natureza, às temáticas sociais e noções espaço-temporais a partir da existência concreta e próxima de cada um (a), promovendo assim uma aprendizagem significativa e carregada de intencionalidade.

Reconhecendo a indissociabilidade entre ensino e pesquisa, e que o processo de investigação científica possibilita a formação de professores críticos-reflexivos e pesquisadores, ao permitir debruçar-se sobre problemas e possibilidades da realidade escolar, a terceira atividade proposta no componente consistiu na escolha, leitura e fichamento de artigos do livro *Experiências em Ensino, Pesquisa e Extensão na universidade: caminhos e perspectivas*, viabilizando a produção de novos conhecimentos científicos durante o processo de formação inicial docente. Nesse contexto, Pimenta (2012) aponta:

[...] um curso de formação inicial poderá contribuir não apenas colocando à disposição dos alunos as pesquisas sobre a atividade docente escolar (configurando a pesquisa como princípio cognitivo de compreensão da realidade), mas procurando desenvolver com eles pesquisas da realidade escolar, com objetivo de instrumentalizá-los para a atitude de pesquisar nas suas atividades docentes. Ou seja, trabalhando a pesquisa como processo formativo na docência.

Pontuschka et al. (2009) afirmam o seguinte:

(...) revela-se necessário ao professor ter cada vez maior intimidade com o processo investigativo, uma vez que os conteúdos, com os quais ele trabalha, são construções teóricas fundamentadas na perspectiva científica. Assim, sua prática pedagógica requer de si reflexão, crítica e constante criação e recriação do conhecimento e das metodologias de ensino, o que pressupõe uma atividade de investigação permanente que necessita ser apreendida e valorizada.

Assim, os discentes tiveram a oportunidade de familiarizar-se com aspectos que envolvem a atividade de pesquisa na medida em que realizaram a proposta mencionada anteriormente, adotando alguns procedimentos tais como, referenciar o capítulo escolhido, realizar pesquisa biográfica na Plataforma Lattes referente ao autor do capítulo, destacar o objeto, objetivo e os principais conceitos do estudo, além das considerações do autor e as deles próprias (os) em relação ao texto, utilizando as normas requeridas no trabalho científico, entendendo tal prática com subsídios necessários à “organização do trabalho educativo e práticas pedagógicas” CNE/CP (2006).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A função monitoria de ensino da geografia, como estratégia pedagógica de aprendizagem, contribui significativamente para o processo de construção existencial e profissional, proporcionando o desenvolvimento/aprimoramento de competências na área educacional, na medida em que possibilita

a interação com professores de outros componentes e demais integrantes da comunidade acadêmica, além da realização de tarefas junto ao orientador/supervisor e o vínculo (e)afetivo com o grupo de discentes vinculados à monitoria.

O componente com suas abordagens trouxeram a necessidade de refletir a importância da unicidade teoria-prática. É preciso ressignificar conceitos trabalhados no campo da geografia visando superar lacunas deixadas pelo processo de formação na educação básica, para que não se repita o ensino com métodos tradicionais ultrapassados pautados na transmissão do conteúdo do livro didático, descontextualizado do cotidiano, ou seja, da existência concreta dos discentes em sua própria vida. É necessário um ensino que objetive contribuir com a formação de sujeitos emancipados, partindo da abordagem local para o global, tornando-os sujeitos engajados na sociedade.

O exercício da monitoria possibilita a participação na construção do plano de ensino, experienciar práticas educativas na sala de aula, trabalhar o conhecimento a ser construído, buscando produzir novos conhecimentos teórico-metodológicos para atender as necessidades e interesses da turma, sempre de forma comprometida e (e)afetiva. Isso exige dedicação, comprometimento, paciência e perseverança, responsabilidade e respeito mútuo, intencionalmente, desenvolvendo um trabalho interdisciplinar, valorizando um trabalho em equipe e utilizando recursos tecnológicos como meio e não como um fim em si mesmo.

Essa experiência concreta pode nutrir maior interesse pela carreira docente, contribuindo para construir e/ou ressignificar a práxis docente ao permitir aprofundar os conhecimentos a respeito do componente curricular no qual irá atuar, promovendo o incentivo à investigação científica, possibilitando uma contínua e não divorciável associação entre teoria e prática.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brasil (1998). Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: geografia* / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF. 156p.

Brasil (2006). Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP N°: 3/2006, de 21 de fevereiro de 2006. Reexame do Parecer CNE/CP n° 5/2005, que trata das *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia*. 10p. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp003\\_06.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp003_06.pdf)>. Acesso em: 22 de maio de 2020.

Brasil (2009). Universidade do Estado da Bahia. Conselho Universitário. Resolução N.º700/2009 - CONSU, de 07 de julho 2009. Dispõe sobre o *Regulamento Geral Do Programa de monitoria de ensino*. 05p. Disponível em: <<https://portal.uneb.br/proex/wp->

- content/uploads/sites/62/2019/08/700--2009-consu\_Res\_Regulamento\_-  
Monitoria\_ensino\_altera507.pdf>. Acesso em: 26 de mar. 2020.
- Brasil (2012). Universidade do Estado da Bahia. Decreto nº 13.664, de 07 de fevereiro de 2012. Dispõe sobre o *Regimento Geral da UNEB*. Salvador, 2012. 108p. Disponível em:<<https://portal.uneb.br/conselhos/wp-content/uploads/sites/103/2019/02/Regimento-Geral-da-UNEB-1.pdf>>. Acesso em: 26 de mar. 2020.
- Callai HC (2005). Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. *Cad. Cedes*, 25(66): 227-247.
- Castrogiovanni AC (2012). Apreensão e compreensão do espaço geográfico. In: Castrogiovanni AC, Callai HC, Kaercher NA (org). *Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. Porto Alegre: Mediação, 10ª ed. 11-70p.
- Cavalcanti LS (1998). *Geografia, escola e construção de conhecimentos*. Campinas: Papirus. 192p.
- DaMatta R (1986). *O que faz o brasil, Brasil?*. Rio de Janeiro: Rocco. 86p
- Dartigues A (1992). *O que é a fenomenologia*. São Paulo: Moraes, 32ª edição. 174p.
- Descartes R (1994). Discurso do método. In: Descartes R (Org). *Obra escolhida*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 39-103.
- Entrikin JN (1980). O Humanismo Contemporâneo em Geografia. *Boletim de Geografia Teórica*, 10(19).
- Gil AC (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª ed. São Paulo: Atlas.
- Heidegger M (2005). Ser e tempo. 15ª ed. Editora Vozes. 325p.
- Husserl E (1992). *Conferências de Paris*. Ed.70, Lisboa. 40p.
- Japiassu H, Marcondes D (1996). *Dicionário básico de filosofia*. 3ª ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 296p.
- Libâneo JC (2006). *Didática*. São Paulo, Cortez. 262p.
- Libâneo JC (2010). *Pedagogia e pedagogos, para quê?*. 12ª ed. São Paulo: Cortez. 208p.
- Lins LF, Ferreira LMC, Ferraz LV, Carvalho SSG (2009). *A importância da monitoria na formação acadêmica do monitor*. Pernambuco. Disponível em: <<http://www.eventosufrpe.com.br/jepeX2009/cd/resumos/R0147-1.pdf>>. Acesso em: 22 de mar. de 2020.
- Minayo MCS, Deslandes SF, Neto OC, Gomes R. (2002). *Pesquisa social*. Petrópolis – RJ: Vozes.
- Moreira R (2008). *Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico*. 1 ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto. 188p.
- Oliveira L (1996). Percepção e representação do espaço geográfico. In: Del Rio V, Oliveira L (org.). *Percepção ambiental: a experiência brasileira*. São Paulo: Stúdio Nobel.
- Pimenta SG (2012). *Saberes pedagógicos e atividade docente*. 8ªed. São Paulo: Cortez. 301p.

- Pontuschka NN, Paganelli TI, Cacette NH (2009). A formação docente e o ensino superior. In: *Para ensinar e aprender geografia*. 3ª ed. São Paulo: Cortez. 87-104p.
- Relph EC (1979). As bases fenomenológicas da Geografia. *Geografia*, 4(7): 1-25.
- Sartre JP (1956). *O Ser e o Nada*. Petrópolis: Vozes. 782p.
- Sartre JP (1970). *O existencialismo é um humanismo*. Tradutora: Rita Correia Guedes. Fonte: L'Existentialisme est un Humanisme Les Éditions Nagel, Paris. 28p. Disponível em: <[https://drive.google.com/file/d/1t9\\_z\\_RVEwZqzMogIWMs0awN4k37zO9XX/view](https://drive.google.com/file/d/1t9_z_RVEwZqzMogIWMs0awN4k37zO9XX/view)>.
- Acesso em: 28 de maio 2020.
- Sposito ES (2004). A questão do método e a crítica do conhecimento. In: *Geografia e Filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico*. 1ª reimpressão. Editora UNESP. 23 -72p.

## ÍNDICE REMISSIVO

### D

desenvolvimento profissional, 27  
docente, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 18, 19,  
20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31,  
32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 56,  
57, 58, 59, 61, 67, 68, 69, 70, 72, 74, 75, 76,  
84, 86, 92, 94, 95, 96, 97, 108

### E

Educação Física, 5, 28, 30, 38, 42, 44, 45, 47,  
49, 53, 54  
ensino, 5, 6, 9, 10, 13, 15, 16, 20, 22, 23, 25, 26,  
27, 29, 31, 32, 35, 36, 37, 39, 41, 42, 45, 46,  
47, 49, 50, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 62,  
65, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 81, 82,  
83, 84, 85, 86, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97,  
98, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 108, 109,  
110, 111  
evasão universitária, 57, 58, 67  
experimentação, 50, 71, 75

### F

formação, 5, 6, 8, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18,  
19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31,  
33, 34, 35, 39, 41, 42, 43, 46, 51, 56, 57, 58,  
60, 61, 63, 67, 70, 83, 84, 85, 86, 89, 90, 91,  
92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 109, 110, 111  
inicial, 19, 86  
permanente, 15, 25

### G

Ginástica, 5, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52,  
53, 54, 55  
Google Tour Creator, 6, 71, 75, 76, 77, 78

### I

identidade, 29

### L

laboratório virtual, 6, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78,  
81  
licenciaturas, 6, 56, 59, 60, 61, 65, 67, 68, 69

### M

magistério, 16, 25, 29

### P

pedagógico, 5, 8, 13, 16, 25, 28, 63, 83, 105,  
106  
professor, 6, 9, 10, 12, 13, 16, 18, 19, 20, 21,  
22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 35,  
36, 37, 39, 40, 41, 42, 46, 57, 61, 62, 63, 64,  
67, 68, 70, 72, 75, 86, 92, 94, 97, 98, 99, 100,  
105, 106, 107, 108, 109, 110, 111  
profissão, 5, 19, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30,  
31, 32, 33, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 57, 58, 63,  
64, 67, 68  
profissionais da educação, 14, 61

### Q

química, 6, 26, 56, 59, 60, 66, 69, 71, 72, 73, 75,  
76, 80, 82

### R

resolução de problemas, 72, 73  
ressignificação, 5, 44, 49

### S

sala de aula invertida, 72, 73, 74  
sociedade, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18,  
22, 23, 25, 26, 41, 57, 58, 61, 63, 64, 72, 83,  
84, 90, 91, 92, 95, 98, 100, 101, 103, 104, 110

### U

unidade didática, 5, 44



## **Adriana Flávia Neu**

Graduada em Educação Física - Licenciatura (UFSM). Mestra em Educação (UFSM). Especialista em Gestão Educacional (UFSM). Professora de Educação Física em Faxinal do Soturno/RS e Tupanciretã/RS.



## **Lidiene J. de Souza Costa Marchesan**

Graduada em Psicologia Centro Universitário Franciscano UNIFRA. Mestra em Educação (UFSM), Especialista em Gestão Educacional (UFSM) e em Gestão de Organização Pública em Saúde (UFSM). Psicóloga clínica em consultório particular (Santa Maria –RS).



### **Pantanal Editora**

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000  
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil  
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)  
<https://www.editorapantanal.com.br>  
[contato@editorapantanal.com.br](mailto:contato@editorapantanal.com.br)